

Desenho e circunstância

Mário Bonito: Bairro de Moradias Económicas da Cooperativa *O Lar Familiar*

Helder Casal Ribeiro

Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto

Via Panorâmica S/N, Telefone: 00 351 226 057 100

hribeiro@arq.up.pt

Resumo

O presente trabalho propõe interpretar uma forma de fazer/entender cidade, que pretende formular uma resposta actualizada e prepositiva aos problemas do nosso tempo, através da compreensão do processo de desenho de um conjunto urbano singular, enquadrando-o na realidade portuguesa e portuense, com a discussão dos modelos urbanos e opções de projecto que lhe estão inerentes.

Investiga-se o *Bairro de Moradias Económicas da Cooperativa O Lar Familiar*, 1950/54, de Mário Bonito, que na sua condição de conjunto informado pelas experiências urbanas modernas do centro europeu, assentes na continuidade da estrutura da cidade tradicional – a afirmação do quarteirão e da rua – reformula o discurso oficial do Estado Novo para os Bairros Económicos, mantendo, contudo, as premissas programáticas da *célula habitacional individual com jardim*. A representação da *individualidade* nos modelos urbanos impostos pelo Estado Novo será reformulada através da implementação de conjuntos de habitações em banda que conformam quarteirões estruturados por uma malha viária hierarquizada estabelecendo um diálogo entre o significado do espaço público e do espaço privado, conferindo um novo sentido à *urbanidade do colectivo*, determinante na compreensão e qualificação das cidades actuais.

O presente trabalho integra uma investigação que incide sobre os processos de desenho dos anos 40 a 60, período experimental no panorama da arquitectura moderna portuguesa, que na tentativa de construir um discurso renovado e próprio, incorpora e reformula as premissas defendidas pelo movimento moderno, transformando um momento potencialmente anacrónico, decorrente da assimetria socio-cultural com o contexto internacional, num período fundacional para a arquitectura contemporânea portuguesa, do qual se poderão destacar temas inerentes à interpretação da morfologia urbana.

Palavras-chave

Porto; cidade contemporânea; arquitectura; desenho.

A *reconstrução do moderno* no Porto, nos anos 50, ao contrário dos modelos urbanos de premissas modernas, não interpreta a noção de cidade de forma abstracta, o que afastará a discussão com base na realidade utópica que alimentava a transformação da sociedade de forma abrangente, através da implementação de um novo desenho urbano à custa da supressão do tecido existente, informado pela alteração no regime de propriedade do solo, privilegiando o público sobre o privado, pela reorganização funcional da paisagem e pela nova forma de habitar a casa e a cidade.

A premissa da “*tabula rasa*” não será colocada no cenário do Porto provavelmente informada por três motivos: a concentração do investimento e da obra pública na capital, a restrição topo-morfológica inerente

ao tecido urbano da cidade e a consciência, enquadrada pelo processo pedagógico da ESBAP – aberto às discussões da UIA e dos CIAM – da necessária revisão dos princípios do urbanismo moderno tendo em conta o *habitat*, ou seja, a realidade urbana concreta.

O Bairro de Habitações Económicas da Cooperativa *O Lar Familiar*¹, para um terreno sito à rua Ciríaco Cardoso, de 1950,² com o objectivo de uma máxima rentabilidade económica, será condicionado programaticamente, pela tipologia unifamiliar imposta, e pelas características específicas de um terreno intersticial, sem ligação à estrutura viária existente.

A encomenda, com a particularidade programática de “construir um bairro de moradias para os seus associados”³, não possibilitará a Mário Bonito implementar o modelo de cidade, que assenta no princípio da alta densidade com a introdução da respectiva tipologia do *bloco plurifamiliar*, defendidas por várias teses/comunicações no 1º Congresso Nacional de Arquitectura de 1948, com destaque para “Onde se fala da Arquitectura no Plano Nacional e do Problema português da Habitação”, manifesto do grupo da ODAM, e em sucessivas manifestações públicas.⁴

Contudo, o propósito da encomenda, partindo de premissas programáticas defendidas pela propaganda político-governamental e ao gosto dominante dos associados,⁵ será reinterpretado como um modelo urbano, que subverte formalmente o plano-tipo defendido e aplicado pelo regime,⁶ respondendo às condições programáticas *individuais* com um desenho de *urbanidade colectiva* a partir de princípios conceptuais e formais enraizados na Arquitectura Moderna, desenvolvidos nos anos vinte.

O terreno, de configuração irregular e de topografia acidentada caracteriza-se por uma área agrícola de interstício delimitada pelos lotes que conformam a avenida da Boavista a norte, a rua Ciríaco Cardoso a nascente, a travessa de Cima, de matriz rural, a poente e campos de cultivo a sul.

¹ A designação do projecto tem como referência a memória descritiva e o rótulo dos desenhos – CMLF.

² Ano de entrada do requerimento nº 8232/50 para apreciação do anteprojecto; aditamento com desenhos datados de Dezembro de 1953 (1ª fase); licença de construção nº 653, de 31 Outubro 1955; ocupação do conjunto sem licença de habitabilidade a partir de 1958. Projecto executado com a colaboração de Augusto Amaral.

³ Cooperativa “O Lar Familiar”, requerimento nº 823, de 14 Janeiro 1954, aditamento ao anteprojecto.

⁴ Nos anos de 1948/49 destacam-se dois momentos relevantes no debate e defesa dos ideais do Movimento Moderno no Porto: “Uma mensagem e um telegrama” que Arquitectos do Norte enviaram ao presidente da Câmara Municipal do Porto e ao presidente da Assembleia Nacional, Fevereiro de 1948 e Março de 1948, respectivamente, e a “Exposição dos Arquitectos do Porto ao Presidente da Câmara Municipal” sobre da imposição dum estilo às novas edificações, fomentada pela ODAM, Outubro 1949.

⁵ Em entrevista/conversa com alguns dos associados e moradores originais, confirma-se a preferência, na época, pela moradia em detrimento da habitação plurifamiliar em bloco.

⁶ “(...) eram subjacentes aos programas arquitectónicos de obra pública, a expressão formal de ideia de Nação e da ideia de sociedade. Conveniente a tais, propósitos, a habitação permitia, em simultâneo, a ilustração do modelo social e do modelo arquitectónico e urbano: a família modesta e digna, plena proprietária da casa própria, dotada de jardim e quintal (reminiscência de ruralidade ancestral), composta com recurso aos elementos típicos caracterizadores da “nossa casa” e ordenada em conjunto por adição parcelar, em extensão moderada, até alcançar dimensão de tecido urbano que lhe permitisse almejar o estatuto de arrumada “aldeia” na cidade.”

Costa J (2001) Bairros do Estado Novo, *Guia de Arquitectura Moderna. Porto 1901-2001* (Coord.: J. Figueira, P. Providência, N. Grande), OARSN e Civilização, Porto.

A área de intervenção, sem frente directa com o espaço público, coloca dois temas urbanos chave a resolver: a definição de novas frentes para colmatar os muros dos logradouros/lotês e a ligação da malha proposta à estrutura viária existente.

A definição dos pontos de contacto com a malha existente é fundamental no desenvolvimento do princípio geral de implantação com a ligação à estrutura viária a estabelecer-se em dois pontos opostos que estruturarão o desenho da malha proposta, a sua orientação e escala, com a respectiva proporção dos conjuntos edificados/quarteirões.

O princípio de implantação e a respectiva volumetria dos conjuntos habitacionais interpreta a encomenda da cooperativa conjugando, conforme afirma Mario Bonito, as *incidências de ordem geral com as de ordem particular*⁷, ou seja, considerando o equilíbrio entre os requisitos do *colectivo* – a noção de continuidade e de conjunto da proposta – e do *individual* – as condições de lote e casa individual.

Mário Bonito desenvolverá uma proposta que contempla um modelo urbano estruturado por uma malha regular de quarteirões, constituída por dois tipos de habitações unifamiliares, de dois pisos, agrupadas em banda contínua que garantem a *unidade de propriedade* mas afirmam, através de um princípio compositivo e formal, a leitura de um conjunto coeso. **(Figura 1)**

Nesse sentido, o traçado urbano estrutura-se com a implantação das habitações orientadas a nascente-poente e a introdução de uma área lúdica/jardim no centro do conjunto, como rótula urbana que articula um quarteirão central e os dois arruamentos principais que interligam a nova malha proposta à estrutura urbana existente.

Os dois conjuntos centrais – quarteirão de habitação e jardim público – apresentam-se como um núcleo estruturador da distribuição viária e da composição geométrica da malha regular, definindo dois quarteirões a norte e duas frentes que colmatam as irregularidades dos muros dos lotês existentes. O terreno, a sul, será reservado para uma possível ampliação do conjunto, com a indicação de dois futuros arruamentos que garantem a continuidade compositiva do bairro, com a definição de um quarteirão central e duas frentes a colmatar os muros dos logradouros dos lotês existentes.

Assim, o princípio viário assenta na definição de uma estrutura principal que, conjuntamente com um núcleo central – constituído por um conjunto/módulo de habitações e um jardim público – estabelece a ligação com a malha existente garantindo um circuito contínuo, e uma estrutura secundária associada aos acessos dos restantes conjuntos habitacionais com as ruas/espaço público à cota do passeio, organizadas por separadores ajardinados. **(Figura 2)**

⁷ "Do ponto de vista estético o problema estaria em conjugar as incidências de ordem geral (conjunto do Bairro e tipo de agrupamento) com as incidências de ordem particular (programa das casas e sua organização funcional)" Bonito M, m.descritiva, 12 dezembro 1953.

Esta estrutura secundária, que desenhará a ampliação a sul do bairro, hierarquiza a malha atribuindo às ruas, sem saída, um carácter mais reservado e de apoio local, privilegiando o espaço e uso pedonal.

Este princípio anuncia um desenho de compromisso, entre o modelo urbano tradicional e a *cidade funcional* de Le Corbusier (CIAM V, 1933), cruzando a definição da *unidade quartiere* com um espaço público envolvente hierarquizado funcionalmente oferecendo áreas predominantemente de uso pedonal independentes da circulação automóvel de atravessamento, isto é, de ligação à estrutura viária existente.

O cruzamento destes dois modelos urbanos permite reinterpretar a sua referência principal valorizando o desenho do espaço público com um novo significado colectivo sem, contudo, retirar a importância do papel da propriedade privada na estruturação da cidade. Esta associação apresenta, ainda, um enquadramento singular, tendo em conta que, na sequência do Congresso de Bruxelas em 1930 (CIAM III), onde Le Corbusier apresenta a sua “Ville Radieuse” e onde as intervenções debatem a pergunta de Walter Gropius “Low-, mid-, or high-rise building?”, se realiza uma exposição itinerante intitulada “Rationelle Bebauungsweisen”,⁸ onde J. J. P. Oud apresenta o seu trabalho de Kiefhoek acompanhado por comentários de crítica sobre a falta de uniformidade da exposição solar e das curtas distâncias entre habitações.⁹

Esta possível interpretação, articulada com as experiências múltiplas de diálogo, ou mesmo a continuidade do tecido urbano existente, como o conjunto de Kiefhoek, serão fundamentais para compreender o significado do desenho de compromisso na procura de um urbanismo de princípios modernos. A densidade, proporção e escala do conjunto urbano proposto para *O Lar Familiar* por Mário Bonito, incluindo algumas soluções formais, remetem de forma clara para a proposta de Kiefhoek, no entanto, a tradição urbanística holandesa inerente à proposta de J.J.P. Oud, de malha urbana conformada por quarteirões que articulam várias direcções/eixos, com ênfase na respectiva resolução dos gavetos compactos, não estará presente, prevalecendo outra referência – o purismo corbusiano.

Através da leitura da sua referência urbana principal, o Bairro de Kiefhoek (1925-29), de J. J. P. Oud, poder-se-á verificar o assimilar de vários temas de desenho, como o sistema viário proposto em continuidade com a estrutura urbana existente, permitindo a colmatação dos logradouros que delimitam o terreno, o significado dos espaços de uso colectivo na hierarquização da malha, a escala dos quarteirões e o sentido

⁸ Exposição *Rationelle Bebauungsweisen*: composta por 56 plantas em suportes de alumínio, com informação complementar; as propostas são apresentadas sem indicar os autores, unicamente com a designação e localização do projecto. A uniformidade da escala e forma de apresentação criava um sentido de conjunto, atribuía uma homogeneidade a um corpo heterogéneo. As propostas são de carácter diverso, de propostas visionárias de Le Corbusier, passando por edifícios de habitação social construídos em Frankfurt, até conjuntos urbanos de habitação do século XIX em Amsterdão, Paris, Milão e Basileia. Estes últimos apresentavam no painel comentários, possivelmente escritos por Sigfried Giedion, sobre alguns dos aspectos singulares dos projectos. Mumford E (2002) *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*, MIT Press, Massachusetts.

⁹ A exposição é inaugurada em Zurique, em Fevereiro 1931, com a consequente itinerância pela Europa e a edição de uma publicação com o mesmo nome, em Novembro de 1931.

de continuidade de desenho atribuída aos conjuntos habitacionais em banda. A afirmação destes princípios leva a soluções arquitectónicas particulares onde o desenho procura situações de compromisso sem perder a identidade pretendida para o conjunto.

A proximidade programática e a semelhança das condições do terreno e das características do contexto permitem adaptar estes temas de desenho de forma quase directa; contudo, a ausência de equipamentos e comércio no programa, ao contrário do Bairro de Kieffhoek, *obriga a procurar* outro tema base para auxiliar a hierarquizar a malha do conjunto urbano. **(Figura 3)**

Mário Bonito complementa o modelo urbano de J. J. P. Oud com dois novos temas, decorrentes da *cidade funcional*: a hierarquização do espaço público com a *diferenciação do seu uso* e o significado da natureza/vegetação na harmonização do conjunto.

Assim, a falta de um programa de equipamento central será colmatada pela inclusão de um largo público, ajardinado e arborizado, e os comércio pontuais pela conformação de dois tipos de arruamentos e pela utilização da vegetação dos jardins privados na caracterização do espaço público e na definição dos seus enquadramentos.

A importância de desenhar um sistema viário em contínuo com o existente leva a propor dois tipos de habitações¹⁰ de forma a definir um quarteirão central que, em conjunto com um largo ajardinado, funciona como rótula principal do conjunto com funções distributivas e comunitárias, respectivamente.

O sistema viário apresenta uma estrutura principal de acesso ao conjunto com um perfil onde prevalece a faixa automóvel com passeios estreitos e uma estrutura secundária com um perfil que privilegia o uso pedonal de acesso às habitações em banda, com a rua desenhada à cota do passeio e organizada com faixas verdes centrais.¹¹

A concepção de uma quadrícula que desalinha os diversos quarteirões, de forma a enquadrar o vazio do logradouro e a valorizar os respectivos jardins – arborização e vegetação –, desenha um sistema visualmente aberto, utilizando o domínio privado como elemento de composição do público, ou seja, a matriz da cidade tradicional e seus elementos colocados ao serviço dos princípios do urbanismo moderno. Os topos dos quarteirões, com a mesma tipologia habitacional, também introduzem o vazio do logradouro e respectivos jardins na composição do alçado do conjunto como elemento de transição entre os dois arruamentos de carácter distinto. **(Figura 4)**

¹⁰ A diferença das duas tipologias consiste na frente da habitação mantendo a mesma organização funcional, o que reforça o objectivo urbano de conformar um quarteirão central que articulasse as duas ligações à malha existente de forma contínua. Ambas as tipologias permitem a opção entre garagem ou escritório.

¹¹ O extenso período de construção do bairro levará à não execução do desenho preconizado para o espaço público, perdendo-se a clareza da sua hierarquia e consequentemente a sua sequência espacial.

Esta premissa de interligar a natureza com o edificado – princípios subjacentes à cidade-jardim e às várias experiências ou utopias modernistas – será um dos temas-chave da composição urbana e arquitectónica deste conjunto.

O tema da natureza, associado ao bairro habitacional, com matriz no lote individual, remete para os estudos de Le Corbusier e Pierre Jeanneret para o *Bairro de Pessac*, em Bordéus, de 1925-28. A proposta, com uma encomenda específica – bairro de casas económicas destinadas à classe operária – apresenta um desenho de conjunto assente em diversas tipologias e associações volumétricas que caracterizam o perfil dos arruamentos e resolvem as transições e remates da malha com a prevalência da vegetação/natureza como elemento/factor de continuidade na leitura do conjunto e de humanização do bairro. O condutor de toda a composição será a relação das construções de implantação descontínua, com o desenho contínuo das áreas verdes, como espaços lúdicos e complementares às habitações – interpretação do modelo da cidade-jardim – permitindo a variedade tipológica e formal das habitações agrupadas ou em banda à face da rua ou recuadas. O diálogo entre a proporção e geometria das várias volumetrias da edificação, com as áreas ajardinadas, introduz um equilíbrio das partes e afirma um sentido de conjunto urbano no desenho do Bairro.

Na procura de um desenho de compromisso, informado pelo *conjunto de Pessac* de Le Corbusier, a condição da cidade do Porto poderá, também, ser influência determinante, sobretudo a sua morfologia urbana de quarteirões constituídos por lotes estreitos e profundos ocupados perifericamente libertando o interior para jardins particulares que, devido aos muros de meação de baixa altura, transforma o jardim privado num enorme espaço de usufruto visual colectivo. Poderá ser a reinterpretação desta matriz local que informa a procura de um novo equilíbrio entre o uso individual e o usufruto colectivo, mantendo as premissas da cidade tradicional.¹²

Esta procura de enquadramentos abertos sobre espaços ajardinados também permite controlar a escala do conjunto através da redução da extensão dos arruamentos, o que reforça a hierarquia da malha viária valorizando a estrutura secundária com o perfil que privilegia o uso pedonal. **(Figura 5)**

A escala que o desenho propõe para o conjunto reafirma os princípios da *cidade funcional* estabelecendo uma continuidade com a matriz da cidade tradicional, integrando-se no contexto urbano fragmentado existente, contrariando a condição dos modelos urbanos de implantação racionalista do *bloco plurifamiliar autónomo* – arquétipo da *cidade funcional* – onde a escala do conjunto, afirmado por uma quadrícula com extensos arruamentos e alinhamentos construídos, se solta da escala do tecido da cidade tradicional.

¹² A importância atribuída à vivência do interior dos quarteirões da cidade tradicional será também valorizada por Le Corbusier, que, na sua visita a Barcelona, ao sobrevoar a cidade, afirma para José Lluís Sert que o modelo da cidade colectiva já está no interior dos quarteirões.

Esta composição, com raízes nos princípios da edificação linear decorrentes das experiências da cidade-jardim e posteriormente desenvolvidas e adaptadas nas experiências da *Siedlung* do centro da Europa permite, em detrimento da valorização da *individualidade* sobre a ideia do *colectivo*, afirmar a ordem geométrica do traçado e a regularidade da edificação com a respectiva sistematização construtiva e formal, valorizando o sentido do conjunto em diálogo com o *individual*.

Nesse sentido, o Bairro de Moradias Económicas da Cooperativa *O Lar Familiar* apresenta-se como um caso singular, de diálogo com a cidade e no equilíbrio entre a necessidade *individual* e o desígnio *colectivo*, que não teve réplica em posteriores propostas de modelo urbano associado ao *bloco plurifamiliar*, nos anos seguintes, no Porto, com o Bairro de Ramalde (1952/60), ou em Lisboa, com o Bairro das Estacas (1949/1958), os Conjuntos da Avenida dos Estados Unidos (1952/55) e na Avenida Infante Santo (1952/1955).

A lição de compromisso do modelo urbano implementado indica um caminho alternativo de resposta às questões principais que o urbanismo moderno colocava sem percorrer um caminho único da ortodoxia dos modelos do moderno traduzido pelos dogmatismos da *Carta de Atenas*.

Poderá afirmar-se que, no Bairro da Cooperativa *O Lar Familiar*, a utilização da estrutura do quarteirão como elemento de continuidade com a matriz urbana da cidade tradicional – manter a propriedade individual: casa com jardim – em contraponto com o agrupamento linear das habitações unifamiliares, através da sua associação em banda contínua e respectiva afirmação formal, revela um processo projectual caracterizado pela permeabilidade a diversos conceitos e discursos arquitectónicos, traduzidos num desenho de procura, onde as regras de intervenção não estão estabelecidas a priori.

Entre a interpretação de várias referências, desde J. J. P. Oud a Le Corbusier ou influências da arquitectura moderna brasileira, ao diálogo dos modelos do urbanismo moderno com a cidade tradicional, Mário Bonito procura um desenho operativo, de recusa dos dogmatismos da arquitectura moderna, que propõe uma resposta de diálogo com as condições locais, mas informada pela universalidade na arquitectura, resumida num compromisso entre *tradição e modernidade* – a efectiva revisão do moderno.

Este assumido desenho de compromisso, no Bairro de habitações económicas da Cooperativa *O Lar Familiar*, será interpretado não só por investigadores, como “uma solução pré-moderna,” como ainda por entidades, como o IGESPAR, que enquadra a conservação do conjunto como património de interesse

municipal.¹³ “Os critérios para novas classificações devem por isso ser muito exigentes e entendemos que a graduação patrimonial que neste caso melhor se adequa é Interesse Municipal.”¹⁴

Tendo em conta que o projecto final de licenciamento decorre em meados dos anos 50, Janeiro de 1954, com o discurso dos CIAM em clara revisão, o desenho da proposta poderá ser enquadrado no paradoxo, de “como modernizar-se e retornar às fontes?”¹⁵ que Paul Ricoeur colocará, em 1961, e que Kenneth Frampton desenvolverá para defender, nos anos 80, a interpretação para um *regionalismo crítico*.

Esta leitura estará enquadrada com o entendimento que este paradoxo *poderá*, também, ser traduzido para os arquitectos modernos, no pós-guerra, com as necessidades quotidianas da sociedade a solicitar outra interpretação da arquitectura e do urbanismo moderno, ou seja, a revisão do *Estilo Internacional* e da *Carta de Atenas*. As divergências nas reuniões dos CIAM, com as propostas dos grupos holandeses, alemães, italianos e portugueses, serão reflexo deste diálogo ou equilíbrio entre a civilização universal e a cultura local na formulação de uma *nova arquitectura*.

Os instrumentos específicos de projecto – noção do quarteirão e a herança do seu cadastro, escala da rua e proporção do edifício – denunciam empatia pela revisão que a nova geração de arquitectos começava a operar e a introduzir nos CIAM e que caracterizará a noção de cidade a partir dos anos sessenta.

Este processo dialogante, entre a importação dos modelos internacionais e a sua apropriação à circunstância portuguesa, será inerente à História da Arquitectura Portuguesa, conforme expresso por Alexandre Alves Costa: “Não existem dúvidas de que, num processo de gestação pleno de hesitações e sobreposições estilísticas, a arquitectura portuguesa é ecléctica e contraditória.”¹⁶

Assim, poder-se-á concluir que o Bairro de moradias económicas da Cooperativa *O Lar Familiar* incorpora a revisão dos modelos modernos, apontando um caminho alternativo à *utopia colectiva*, proposta pelas vanguardas dos anos 20, com um desenho de compromisso que, informado pela herança dos mestres

¹³ Não será indiferente o facto de o Bairro de habitações económicas da Cooperativa *O Lar Familiar* não surgir referenciado nas diversas publicações ou estudos sobre a arquitectura moderna portuguesa. Será com o levantamento do AAIPXX, no início do século XXI que o núcleo norte, coordenado por Sergio Fernandez, referencia o conjunto, com a consequente integração na publicação *La vivienda moderna 1925-1965: Registro Docomomo Ibérico* (Portugal com direcção de investigação Ana Tostões), Fundación Caja de Arquitectos/Fundación Docomomo Ibérico, Barcelona Colección arquia/temas, nº 27, 2009. Contudo, na sequência de um pedido de abertura do processo de requalificação do conjunto como Património Nacional, em 2010 e 2011, petição subscrita por Alexandre Alves Costa, António Pina e Helder Casal Ribeiro, tendo em conta o crescente número de intervenções que descaracterizam e subvertem, de forma profunda, o desenho original do conjunto com respectiva indiferença camarária, o IGESPAR indeferiu o pedido, reforçando a posição de património de interesse municipal.

¹⁴ IGESPAR, Ofício de resposta ao pedido da abertura do processo de requalificação, Referência: DIED/DIDA 794732, de 5 de Março de 2012.

¹⁵ Ricoeur P (1961) “Universalization and national Cultures”, in *History and Truth*, Evanston, Northwestern University Press, IL, 276-283. In Frampton K (2010) “Perspectivas para um regionalismo crítico” in NESBITT, Kate (org.), *Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica 1965-1995*, Cosac Naify Edições, 505.

¹⁶ Costa A (1989) “Valores Permanentes da Arquitectura Portuguesa”, in *Vértice*, nº 19, Outubro 1989.

modernos, de acordo com Ernesto N. Rogers, a actualiza como resposta às condições e necessidades da sociedade.

Em termos formais, os modelos urbanos modernos são reconhecíveis estabelecendo um diálogo de compromisso com o contexto, através da interpretação da matriz da malha da cidade, com um desenho autoral a confirmar a evocação do moderno através da contaminação da circunstância, criando uma arquitectura que enfatiza a noção de *habitat*.

Assim, o desenho final proposto não reflecte um universo arquitectónico mono-referencial ou o compromisso programático com os modelos oficiais, nem reflecte o problema económico subjacente nas opções de desenho, demonstrando que as soluções formais encontradas ou aprofundadas não só resolvem os problemas em causa como ainda se transformam em temas de projecto urbano.

Nesta condição, o Bairro de moradias económicas da Cooperativa *O Lar Familiar* deverá ser considerado um passo em frente, uma lição de abertura, através do *processo de fertilização recíproca e de reinterpretação*, demonstrando que existe mais do que um caminho para cumprir os objectivos anunciados pela arquitectura e pelo urbanismo contemporâneo.

Será este compromisso que deverá informar o exercício da profissão e que possibilitará construir um discurso orientado, *não pela quantidade mas pela qualidade*, actualidade e pertinência da resposta, propondo soluções aos problemas, estabelecendo um estreito diálogo com a história da cidade e dos seus edifícios.

Neste sentido, valoriza-se um processo de desenho que permite ler especificidades urbanas no tecido da cidade, mas sempre interpretadas caso a caso, formulando propostas que não se repetem nas soluções, aprofundando o cruzamento de modelos teóricos e experiências formais na consolidação da paisagem construída, neste caso, do Porto.

Referências bibliográficas

- Alves Costa A (1989) Valores Permanentes da Arquitectura Portuguesa, *Vértice* 19.
- Bonito M (1953) Memoria Descritiva, *Bairro de Moradias Económicas da Cooperativa O Lar Familiar*, Requerimento de Licenciamento nº 823, (14 Janeiro 1954), Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto.
- Casal Ribeiro H (2013) *Experimentação do Moderno na obra de Mário Bonito. Um processo de desenho dos anos 40 a 60*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, FAUP, Policopiado.
- Costa J (2001) Bairros do Estado Novo in *Guia de Arquitectura Moderna, Porto 1901-2001*, OARSN e Civilização, Porto.
- Mumford E (2002) *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*, MIT Press, Massachusetts.
- Ricoeur P (1961) Universalization and national Cultures, in *History and Truth*, University Press, Northwestern, Evanston IL, 276-283.
- Rogers E N (1960) *A arquitectura moderna desde a geração dos mestres* (tradução de Sílvia Viana de Lima) Edições CIAM Porto, Porto.



Figura 1. Mário Bonito, Bairro de Moradias Económicas da Cooperativa O Lar Familiar, 1950/54

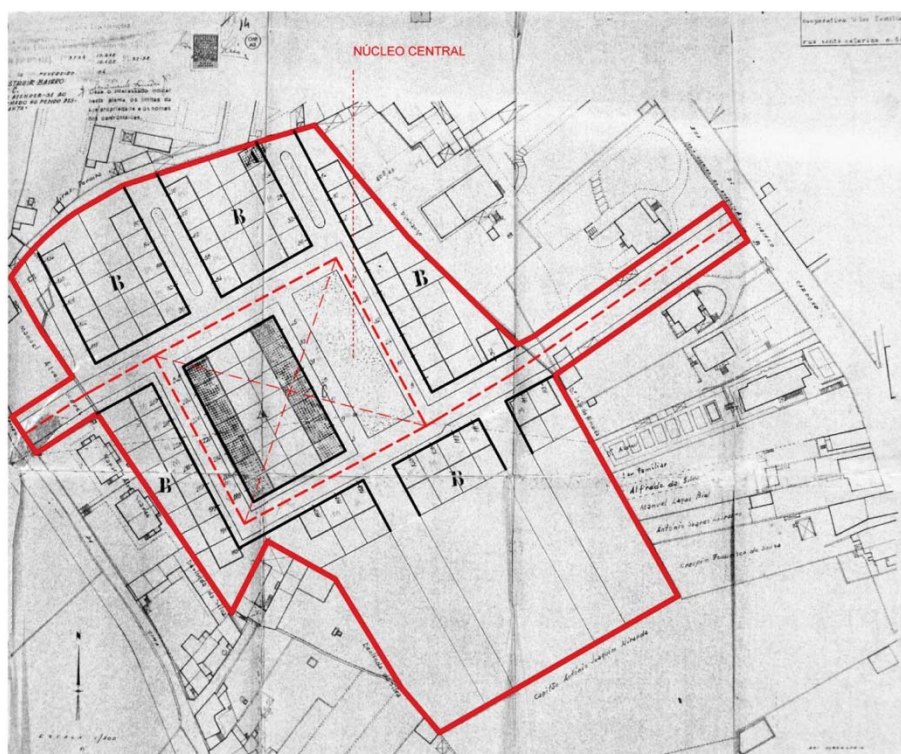


Figura 2. Esquema com princípio viário sobre planta topográfica com 1ª fase – Janeiro de 1954

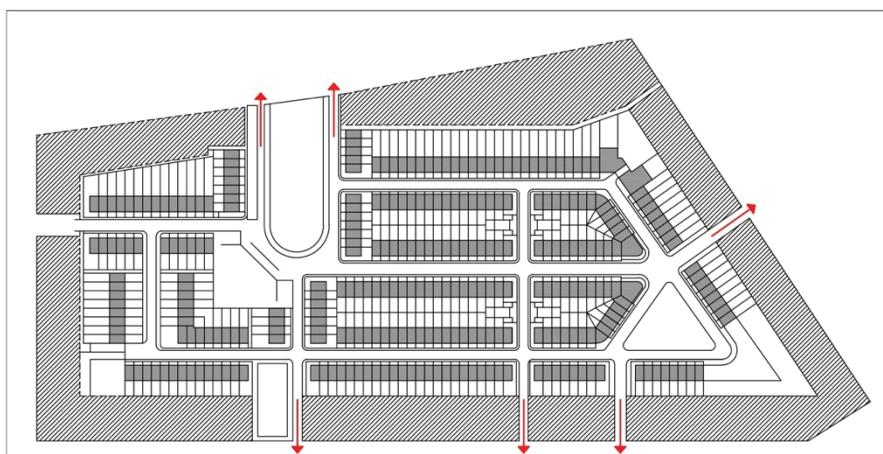


Figura 3. Esquema da estrutura urbana do Bairro Kiefhoek, Rotterdam, 1925-29, J. J. P. Oud

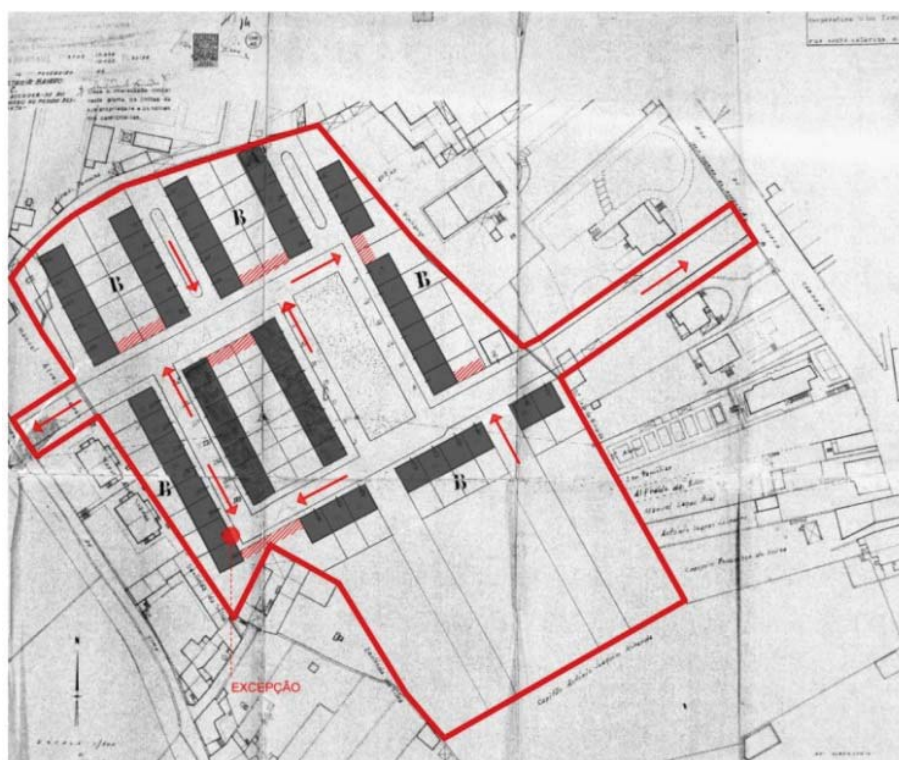


Figura 4. Esquema de aberturas visuais sobre planta topográfica com 1ª fase – Janeiro de 1954



Figura 5. Mário Bonito, Bairro de Moradias Económicas da Cooperativa O Lar Familiar, 1950/54